



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Galato de Porto—Pago de Sousa
Vales do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros R. Santa Catarina, 628-PI
Visto pela Comissão de Censura

O TRABALHO

Comerás o pão com o suor do rosto. Aqui está o decreto do trabalho, na sua magestosa simplicidade, sem parágrafos, nem alíneas, nem sequer assinatura. É um decreto-lei, Lei de Deus, aplicada aos mortais, daí as necessárias interpretações —que dão sempre confusões. Os sábios esgotaram o assunto; filósofos, teólogos, sociólogos, disseram, sim, mas ficou uma coisa por dizer: que há-de a gente fazer aos que não querem trabalhar? Cadeias? É pouco. Nós temos aqui em casa infinitos dessa marca. O que eles fazem para não trabalhar já é trabalho, sim. Trabalho deles, agora, e perturbações futuras à comunidade.

Ora a nossa missão é justamente aplicarmos-nos em prevenir o mal, com as armas da boa-vontade.

O que a gente aqui não inventa, para deitar por terra as invenções deles, para fugirem ao trabalho! São verdadeiras lutas de gigantes, deles e nossas! É muito raro o rapaz que chega e começa a trabalhar por gosto.

Ele vem da rua. A rua é o desamparo. Começamos por dar pequeninas tarefas aos mais pequeninos. Há um, por exemplo, que tem à sua conta a limpeza de um lance de escadas de 14 degraus. A criança ocupa-se ali, de manhã até à noite, todos os dias, com um balde e uma escova, a esfregar. Metade do tempo, perde-o naturalmente. É criança. Há inúmeras coisas no seu espírito que o interessam muito mais do que a tarefa. Mas está preso a ela. Tem uma ocupação. A toda a hora temos assunto para o chamar a contas, lembrar-lhe a sua obrigação, incutir-lhe amor ao trabalho. O que se diz deste, é dito de todos. Alguns, não suportam o clima e fogem. A gente deixa. Não temos a pretensão de salvar todos. É um absurdo. O que pretendemos é oferecer lugar e vida onde todos se possam salvar. *Se, a si mesmos.*

Mas nós não temos aqui sómente pequeninos. Temos alguns já crescidos e daqui a pouco, contam-se por muitas dezenas os rapazes de bigode. Não tem sido descuidado esse problema. Quem vier à nossa aldeia, nota no aglomerado das casas um edifício de raiz, que tem por cima: OFICINAS.

Temos definitivamente instaladas as de sapateiro, alfaiate, carpinteiro e serralheiro. Cada uma tem seu mestre. O alfaiate, quiz ser generoso a pontos de emprestar toda a sua ferramenta, até nós arranjar-mos a nossa. O mesmo se diz do sapateiro. Quanto ao mestre carpinteiro, trabalha com a dele e nós já tínhamos adquirido há tempos, no Porto, uns 3 contos de objectos cortantes. O serralheiro, não tem nada. Temos nós as coisas indispensáveis e com elas nos vamos remediando. Está dito de oficinas. Está dito de mestres. Que dizer de aprendizes?

Serralheiros, temos o Celso e o Pepe. O Veiga anda a seringar, mas ainda não foi atendido. Sapateiros, temos o Claudino e o Fernando. O Inácio andou, mas resolvei dar-lhe ocupação diferente. É hoje conhecido na aldeia pelo *sapateiro alegre*. Felizmente que o rapaz não dá a casca. Se o fizesse, era desgosto para mim, porquanto eu é que tive culpa da mudança. Carpinteiros, temos o António, o Amadeu, o Mario e o António II. Alfaiates, há varios pedidos, mas à hora em que o jornal entra no prelo, não podemos dar ao ilustrado publico uma comunicação exacta quanto a nomes.

É agora, duas palavras aos portugueses daquém mar, uma vez que já dissemos quanto aos aprendizes. Eles levantam a voz. Eles querem trabalhar. Valorizar-se. Enriquecer daquela riqueza que é um bem para todos: o trabalho. Ora eu também levanto a voz. Quero valorisar, enriquecer os habitantes da aldeia. Os que estão mai-los que vierem. Preciso de quem me ajude a montar as oficinas! Oficinas de sapateiro, máquinas *singer*, ferramentas e fôrmas. Do alfaiate, máquinas *singer*, tesouras, esquadros e o mais. De carpinteiro, bancos e mais ferramentas. De serralheiro, temos, por agora. De barbeiro, duas cadeiras, espelhos, navalhas, maquinas e tudo. Quem tiver a devoção, que fale a uma destas oficinas. e vai daqui um *oficial* ao Porto, tomar conta e agradecer. É uma contribuição voluntária. É uma transformação do dinheiro em trabalho mais util e menos perigosa do que a daquele neste.

Aqui há anos, no meu giro de visitador de pobres, topei uma família numerosa, cujos membros trabalhavam em certa fábrica. Os jornais, por baixos, não chegavam e eu tinha de suprir, das esmolas que me davam! De uma vez, estava a mãe pra fazer de comer e não tinha quê. Entrei. Conversamos. *Eles medram e medram enquanto a gente emagrece, padre.* Sim. Aonde faltar a consciencia, pode ser perigosa a transformação do trabalho em dinheiro. *Eles medram!*

Mas esta já vai longa e eu não tenho o direito de abusar. Uma vez que Deus me deu o talento de erguer dos caminhos este património humano, eu tenho necessariamente de o fazer render, não suceda ser tomado por um inutil à hora da minha morte. Daqui vem o fazer-me tudo para todos. O clamar oportuna e, até, impertinente. O levantar oficinas. O pedir que mas apetrechem. Se houver alguém no mundo que na presença da fidelidade de um homem a bem dos homens, antes queira medrar e medrar, esse é infiel. Tenho dito.

UMA JORNADA DO

Do nosso povo trabalhador e pacífico. Era o poder do mundo. Contavam-se por milhares, muitos milhares, os componentes da excursão.

Vieram observar com os seus próprios olhos, de como o tempo dos milagres ainda não acabou e foram-se para suas casas mais irmãos, pelo que viram e escutaram. Não se esqueceram de deixar suas ofertas neste santuario de esquecer. Cinco mil escudos da colectividade, muitas notas e moedas dispersas, segundo a devoção de cada um, uma formosa *Ceia do Senhor*, colocada no seu lugar pela mão de um dos do grupo, e mais coisas difíceis de inumerar, pela variedade. Povo do norte, a cidade do Porto a marcar. A nossa mata foi pequena para assentar as famílias com seus merendeiros; merendeiros feitos ao lume de casa, por isso mais saborosos.

Havia cenas de ternura prestadas pelos nossos mais pequeninos, naquele adorável à vontade com que andavam perdidos na multidão.

UMA CARTA

Não podemos pagar uma assinatura, e compensação procuraremos, por intermédio da nossa Revista, aumentar o interesse e fazer propaganda do «Gaiato».

Se V. soubesse o entusiasmo com que muitos dos seus confrades mais jovens devoram «Gaiato», quando o apanham!

Aprende-se tanta coisa nesse jornalzinho que os livros não trazem... até nos ensina (a nós franciscanos) como levar ao mundo a mensagem de Paz e Bem!...

Em paga dos encargos que este nosso pedinte impõe, conte com a amizade sincera, o possível apoio moral e orações dos confrades mais jovens que pedem licença para o abraçar.

Aqui há tempos, ouvi dizer a um assinante que *O Gaiato* tem uma consoladora aceitação nos meios chamados ateus. *Apreciam-no*, disse. *Não calcula como devoram as sílabas, todas as sílabas.* Ora tem muita graça que alunos de uma casa de formação religiosa, sintam e digam a mesma, levando, até, a semelhança, ao ponto de usarem os mesmos termos: *devoramos o Gaiato*. De forma que temos gregos e troianos a servirem-se de um mesmo prato, — e devoram. Oh! corívio sagrado!

Agora não há gregos, nem romanos, nem judeus, nem escravos, nem senhores, nem raças; nem cores, — nem ateus. Paulo de Tarso, ao pregar assim, ligava aquele *agora* directamente aos braços da Cruz. O apóstolo das gentes sabia e ensinava que ela é laço de sangue que prende a humanidade em uma só vida. E senão é ver como este grupo de rapazes que professam religião católica, tem o mesmo apetite que os grupos de pessoas que não querem nada com os católicos. *Devoramos o jornal.* Não há ateus. O que pode é não haver o verdadeiro espírito do Cristo nas obras ou nas pessoas católicas.

P O V O

Pais e Mães de filhos mais afortunados, cingiam ao peito estes amores, ontem folhas que todos cavavam. Faziam-lhes perguntas, choravam de os ver felizes. Um homem vem ter comigo e dá-me um abraço, a chorar de comoção: *Obrigado, padre pelo que faz aos meus filhos.*

—Mas eu tenho cá algum filho seu?

—Não. Tenho-os eu todos comigo, mas já sei que tenho casa para eles se a minha me faltar. Era um conjunto harmonioso, numa só nota de musica sacra. O Povo quer amar. Oh! condutor do povo, que podes ser monstro, se não sabes conduzir. Cautela!

O dia começara com sol e com lágrimas. La-

MIRANTE DE COIMBRA

Nunca saio a pôr o dedo na ferida gangrenada da vida do pobre, que não aprenda dele alguma coisa de edificante. Se a escuridão nos faz recuar de medo, se a lama moral nos enoja, se a promiscuidade repugna à nossa sensibilidade educada—também ao pobre, que é feito da mesma carne e osso, repugna a noite escura da sua miserável existência. E, quando procura as trevas dum subterrâneo imundo, é porque não encontra, a maior parte das vezes, outra guarida para repouso da sua desconexa actividade.

Quem há aí que não conheça o Arco Pintado! Tinha ouvido referências, as mais tenebrosas daquele antro infernal. Custava-me a acreditar. E' um amplo lojão de recolha nocturna dos farrapos ambulantes. Mendigos, ébrios, moços de fretes, prostitutas, famílias sem abrigo, tudo ali se vai nivelar sem distinção de costume, de sexos, de idades ou doenças. Trapos, linguagem, agressões, vinho—tudo está à altura do ambiente.

Mas, aqui é que está o ponto, não há ali ninguém que não trocasse aquele pestífero refúgio, por qualquer coisa de melhor que aparecesse. Nesse melhor, que para eles não existe, é que está o nosso desmazêlo.

Lá fui encontrar aquela pobre gente que foi escorraçada duma imunda pocilga da Conchada.

—Onde você veio parar, infeliz!

—Eu bem me envergonho... mas para onde hei-de eu de ir com os meus filhos?

O meu companheiro menos habituado a tais furnas, limpava naquela altura os olhos. Não se resiste.

Tentei junto das Autoridades obter uns metros de terreno para construir uma barraca.

—Impossível! Chovem aqui reclamações contra as barracas!

O que nós não conseguimos, muito menos os Pobres.

Também ali estava um rapaz saído há tempo duma casa de correcção.

Tinham-me pedido insistentemente para o recolher no Lar. Agora era eu que dizia—impossível. A lotação da casa estava excedida.

Para onde havia ele de ir?

—Arco Pintado.

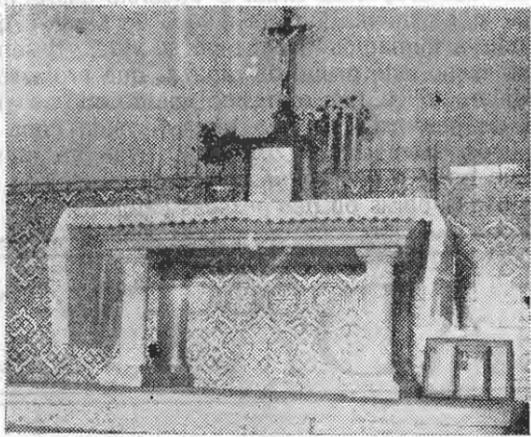
Insistem no pedido porque não tem ninguém, aquela companhia repugna-lhe, etc.

Passado tempo, há uma vaga.

—O rapaz que venha.

—E' tarde... o rapaz está perdido—foi a resposta. Passaram-se mais um meses e agora é o desgraçado tenta erguer-se de novo. Vamos abrir-lhe as portas do Lar. Mas há milagres que só Deus pode fazer.

P.^o ADRIANO



A Cruz fica enquanto o mundo se volve e revolve.

grimas de um carrejão do Porto. Veio por aí abaixo à sua custa, com um pequenino pela mão. Chegou a Cete às 2 da madrugada, e esperou 5 horas; eram 7 quando lhe falei. Não era filho dele, mas dum colega seu.

Tenho chorado por causa deste rapaz, que a mãe deixou ficar a dormir nos portais e fugiu com outro homem. Chora pelos filhos dos outros. Aqui reside a verdadeira dignidade do homem. Posições, categorias, honras — tudo moeda falsa, se não sabemos chorar a desgraça alheia, mormente a da Creança.

Aqui deixo ficar o Carrejão da Ribeira, como o principal da festa; e estou certo de que os Principais daquele dia memorável me hão-de dar a mão.

Carta da "Obra do Ardina"

Lisboa, Calçada da Glória 39

«O Ardina ensina à família o que aprende na «Casa do Ardina!...»

E' uma das nossas grandes consolações o ver a repercussão social da educação ministrada ao ardina.

Não é só êle que muda, se transforma, melhora, é a família toda, graças a Deus!

Há dias a avó do Jaime de Jesus (13 anos) dizia à «Madrinha» dêle: «o rapaz parece outro desde que lá está na «Casa», em lugar de termos que lhe ralhar, é êle quem ajuda a mãe a educar as irmãs, dando conselhos, etc.»

Era a altura de pedirmos ao Jaime que te contasse, gaiato e leitor amigo, a sua vida. Assim o fizemos, e damos-lhe a palavra: «Antes de vir para a «Casa do Ardina» andava a vender jornais, e quando acabava a venda ia para o Terreiro do Paço tomar banho. Um dia o mar estava bravo e eu vi-me afito, mas não serviu de emenda. Voltei mais vezes até que um dia um polícia me agarrou e levou-me para o Governo Civil onde estive até que a minha mãe me fôsse buscar. Lá raparam-me o cabelo, mas muito mal, estava todo às escadinhas e eu tinha vergonha de aparecer à frente de pessoas conhecidas e prometi nunca mais voltar para o Terreiro do Paço. Eu antes de andar com alguns rapazes não era mau, mas depois deixei-me andar com êles. Nessa altura estava em minha casa um rapaz que andava a vender jornais e que me disse assim: «Ouve lá, Jaime! Porque é que não vais aos jornais para ajudares a tua mãe?»

Eu fiquei a pensar e depois disse-lhe que ia, pois em minha casa há tanta miséria por causa do meu gastar tudo em vinho, e eu já posso ganhar alguma coisa—Fui. Foi a minha sorte. Um dia encontrei uma senhora que é catequista na minha Igreja que me disse para eu ir à «Casa do Ardina» pedir para me deixar entrar. A Senhora disse-me que sim e entrei logo no dia seguinte. Tudo me parecia estranho, apesar de lá ter alguns rapazes conhecidos.

Deram-me logo um trabalho que não custava nada a fazer. Comecei a ter aulas de Instrução Primária e de catequese. Comecei a fazer-me melhor, já não me deixo levar por aquêles que me quizeram fazer mau. Já tenho uma venda minha, dou 6\$00 por dia à minha mãe e vou duas vezes na semana ao cinema. Já dou educação às minhas irmãs com as lições que recebo na «Casa do Ardina», onde tenho encontrado carinho e amor e onde querem fazer de mim um homem. Desculpem, mas eu não sei falar melhor».

* * *

E, creio, que não poderia ter dado uma melhor ideia de tudo o que se passou com êle em matéria educação.

Garoto que nunca fôra à Escola, arreliaava a polícia pelas ruas, e se transformou a ponto de que... qualquer dia será nomeado chefe de um dos grupos da «Casa do Ardina». Tem uma pechadinha: uma certa vaidade no seu cabelo, que penteia esmeradamente volta e meia, o que se sente na acção repressiva não da polícia, mas do corte de cabelo às... escadinhas, que, afinal, tem um sentido educativo, ao contrário do que supunhamos!...

Se queres ver o ardina ao vivo, tal qual êle é, vai à Calçada da Glória 39, e breve à R. Dr. Oliveira Ramos 7 e passa lá a tarde com êles. Queres?... Só te pedimos em paga, que faças propaganda da «Obra do Ardina» e lhe dê... o que o ardina merece e nós agradecemos... Temos tanta falta de dinheiro!...

Os nossos garotos dormem em suas casas no chão, não terás para aí umas enxergas que nos dê, para lhes darmos?

Bem-haja, quem nos enviou há pouco dois divans. Vão ser distribuídos como prémio aos... melhores!...

E' que nós queremos fazer bem aos ardinias e às suas famílias, queremos embelezar-lhes as casas, torná-las confortáveis e acolhedoras. Quem nos ajuda?!...

MARIA LUÍSA.

P. S.—Como falamos varias vezes em que queriamos abrir uma «Casa do Ardina» no Porto, ideia que irá àvante quando Deus quiser e os portuenses... ajudarem, houve uma certa confusão

Notícias da Casa de Miranda

Por Carlos Alberto
Fontes

Os nossos pobres

Entrou mais um pobre para a nossa Conferência. Vive muito mal e tem muitos filhos. Como tem estado doente, há muito que não trabalha. Resolvemos além da esmola que levamos à família, pagar uma dívida que tem na farmácia. Nós ficamos contentes quando os pobres são bons. Falámos na desobriga a todos e alguns que a não faziam há muitos anos, este ano desobrigaram-se. Temos um que esconde a esmola e outras vezes feicha-a numa arca para a comer sósinho e não dar nada à mulher nem aos filhos que andam todos a mendigar. Havemos de arranjar uma maneira que quando nós lá chegarmos eles a comam sem ele ver. O pobre da Estação, já há quinze dias que está doente. Não sabemos como eles se tem sustentado. Vamos também pagar-lhe os remédios. A's vezes se não é o que o homem ganha morrem todos à fome. A Ti Tecedeira tem tido farinha do racionamento que faz dela uma boroita que ele coze no forno: dura-lhe para toda a semana. Resolvemos comprar um alqueire de batatas.

Há dias fui tirar o atestado ao Desconhecido e ao Balalaica que ainda não entraram para a escola de anormais. Quando passaram pela porta da Snr.^a Guilhermina disseram logo qua a queriam ir ver, mas ela não estava lá. O Desconhecido que ia à frente desata a correr:

—Quero ir dar a bença à minha madrinha. Lá foi o Balalaica também atrás dele. Depois foram a casa do médico que perguntou ao Desconhecido:

—Em que classe andas tu?

—Ando na 4.^a!

Ele não sabe uma letra.

Andam a preparar-se para o exame da quarta classe sete meninos: eu, José Maria, Chico, António de Cete, Velha, Porto e Guarda. Para o da terceira anda o Joaquim, Cegonha, Pipita e o Hirohito, o Joaquim já anda há quatro anos na mesma classe. O Hirohito, apesar de ser o mais pequeno é o que sabe melhor. Para a segunda passam alguns. O Zé Carlos que é o maior de eles todos e anda há três anos na primeira classe, e mesmo assim passa por debaixo da carteira.

O Zé Marreco, miudito da Praça Velha foi a casa pelas férias da Páscoa e quando voltou a mãe deu-lhe vinte-e-cinco tostões para a viagem; mas como era pequeno meteu-se entre os outros e não pagou bilhete. No dia seguinte, mal se levantou foi logo com o dinheiro comprar amendoins e trouxe-os e levou para os trazer uma caixa dos grilos. Quando chegou já estávamos a rezar e ele todo atrapalhado escondeu-os no vaso que está à entrada da porta. Mas teve pouca sorte: a Senhora deu com eles e dividiu-os por nós.

Há dias quando a Senhora andava a enfeitar a sala para cá vir o snr. P.e a dar a cruz a beijar, o Tónio perguntou-lhe:

—O' mãe para que é que anda a pôr tudo tão lindo?

—E' porque vem cá Nosso Senhor.

—Vem de camionete?

Outra vez andava o Sérgio a jogar a bola no campo. O Tónio chegou-se ao pé dele e vai assim: —O' Sérgio, meu Padrinho, deixa-me ir ontem ver a padrinha, sim?

Já começaram as obras na Senhora da Piedade para voltarem as colónias de Férias. Agora anda tudo com febre dos grilos e dos ninhos. Mas os rapazes de fora tiram-nos os ninhos todos cá da quinta. Alguns meninos já têm grilos à cabeceira da cama, mas eles andam moles com a chuva e não cantam.

com a abertura dum Centro Extra-Escolar da M. P. para ardinias, e julgaram tratar-se de uma «Casa do Ardina»!...

Cumpre-nos dizer que nada temos com a M. P., nem, portanto, com a Direcção e orientação desse Centro, ao qual desejamos as melhores prosperidades, embora saibamos que é de... «Obra do Ardina», que o ardina necessita. Ao Porto deixamos a ultima palavra!...

Outra carta

Lamento não saber descrever tudo quanto senti no passado Domingo ao ter o gosto de visitar a Casa do Gaiato. Sigo desde o princípio com muito interesse tudo quanto diz respeito a essa grandiosa iniciativa e leio o seu jornal de ponta a ponta com um prazer que não calcula, sentindo-me triste por não poder dar-lhe um pouco para ajuda do muito que essa casa precisa. Se fosse pessoa de dinheiro que prazer eu não tinha de dar.

E agora quero contar-lhe um caso que muito gosto lhe dará, pois a mim chocou-me bastante. Pedi a um dos seus gaiatos para me fazer um recado (uma pequena compra) e disse-lhe para não demorar muito. Foi a correr e dentro de poucos minutos estava de volta todo contente. Quiz agradecer-lhe, oferecendo-lhe da minha merenda, pois sentia grande satisfação em sentá-lo a meu lado. Não aceitou, porém, apesar da minha insistência. Pedi-lhe que aceitasse então uma moeda. Recebi a mesma resposta: que não podia aceitar nada, apesar de lhe ter dito que a moeda entregá-la-ia em casa. Cria que me chocou bastante o facto desta criança que era da rua nada querer receber em recompensa do recado que com tanta boa vontade me fez. A dois outros gaiatos ofereci também da merenda obtendo a mesma resposta do primeiro. Nestes pequenos nada se vê o verdadeiro milagre da obra. Chama-se aquele petiz José e por apelido o *Figados*. Para êle envio, em agradecimento, uma camisolinha de malha. E pedia-lhe também o favor de entregar a outro ao Fernando o *Piôlho* que me parece estar na casa do Porto, pois no dia da excursão estava a vender os jornais em S. Bento. Comprei-lhe o jornal e prometi enviar-lhe uma lembrança. E como o prometido é devido não quero faltar para o não ensinar a descrever.

Pois sim. Mas nem todos assim fizeram. Como noutra local se diz, o *Rato-cozido* abancou com uma família na mata e tanto comeu que nem quiz ceia! Pois foi agora chamado para entregar publicamente o prémio ao *Zé figados*, em acto de comunidade. Este levou palmas e aquele foi estrondosamente *pateado*.

Mais outra carta

Peço me desculpe a ousadia de me dirigir a V. mas pretendo solicitar um favor.

Fui com minha família, no domingo, visitar essa maravilhosa aldeia, que me deixou sensibilizada pela maneira educada com que os «gaiatos» nos falaram. A quase todos que encontrei dirigi algumas palavras e todos mas acataram rissonhamente, porém, dentre todos aquele que mais me agradou foi o que disse chamar-se Gaspar Pinto de apelido «Buchá». — Andava eu e meus dois sobrinhos (uma menina de dez anos e um menino de oito) a ver as instalações da «Casa Mãe» e reparar num gordinho «galato» que nos observava. Perguntel-lhe o nome e pedi-lhe para me informar o fim de determinado compartimento, respondeu-me sensatamente e prontificou-se a mostrar-nos as restantes instalações. Desde então foi o nosso cicerone, chamou-nos a atenção para tudo e em especial para a «Casa n.º 3 — a «minha casa» como ele lhe chamou. Essa, foi com mais carinho. Ficou triste por o tempo não permitir ver as casas todas. Era tarde e tínhamos de voltar para o Porto.

Snr Padre Américo, é favor agradecer em meu nome e de meus Pais a boa vontade com que o Gaspar Pinto nos acompanhou e lhe entregar uma bola que para aí mandei, dirigida a V. Ex.a.

Talvez o muito que se sofre dentro desta casa, seja a causa daquele muito que outros espiritualmente gozam.

De Lisboa dizem assim:

Agradeço os momentos bons que a leitura do seu jornal me proporciona. É impossível lê-lo sem um sentimento de ternura, de respeito e de esperança.

Se ele é necessário dar sangue em Paço de Sousa para que em Lisboa haja vida, pois que esta transfusão divina acabe com a minha morte!

Voltando à carta do Porto, gostaria que os signatários dela estivessem presentes, quando se entregou a bola ao Gaspar Pinto! Cantador dos caminhos, por mais que tenhamos feito, ainda hoje não temos documentos da sua identidade. Mas o Porto já o conhece, e isso basta.



Não há sítio mais lindo nem vistas mais preciosas. É a nossa capela. Quando tivermos o Cruzeiro e as «Alminhas», veremos a aldeia mais portuguesa do Império Português.

Crónica Desportiva

DE PAÇO DE SOUSA

Perante a maior assistência desta época realizou-se na Casa do gaiato um grande encontro de Futebol entre o Grupo Desportivo de Paço de Sousa contra o Futebol Club dos gaiatos. Os grupos alinharam Gaiatos: Pepe, Constantino, Amadeu Jacinto, Carlos, Prata, O'scar, Elvas, António, Poeta, Gari. O Grupo de Paço de Sousa apresentou: Carneiro, Santos, Augusto, Ferro, Zé, Latoeiro, Adão, Armando, Adriano, Jorge, Vinagre, Toninho. O jogo começa às 3,30. Os gaiatos entram em campo e a seguir entra o Grupo de Paços de Sousa. Com uma boa descida dos gaiatos que se internam no campo adversário. Vinagre chuta para meio do terreno e entram vários jogadores à bola mas é por fim O'scar que remata fortemente à baliza que sai à razar o poste. Agora à um livre e é Amadeu que vai marcar chuto forte que o guarda-rêdes não tem segurança e Carlos faz recarga fazendo o primeiro ponto para os gaiatos. Com este ponto os gaiatos animam. A bola já anda no meio do terreno mas Amadeu dá-lhe de cabeça para Gari que remata sem resultado. Assim termina a primeira parte os gaiatos a ganhar por 1-0. Começa a segunda parte e os gaiatos a reagir. Agora à um bom passe de António para Elvas que este devolve para O'scar que remata sem resultado. Aos 15.^m da segunda parte os gaiatos têm uma nova tentativa. Vitela aos 20.^m vai substituir Jacinto que se encontra magoado de uma vista. Aos 44.^m Jorge marca um livre que obriga o guarda dos gaiatos a fazer a melhor defesa da tarde. Amadeu chuta para meio do terreno e é António que a apanha passa logo para Vitela que devolve para Gari que este remata sem resultado. Aos vinte cinco minutos à um bom passe de Vitela para António que chuta fortíssimo às redes batendo pela segunda vez o guarda-rêdes visitante. Passado cinco minutos Prata passa O'scar que dribla Santos e fugindo com a bola vira às rês batendo pela terceira vez o quiper de Paços de Sousa. Agora à um passe de Armando para Toninho e este passa para Jorge que remata fortíssimo à baliza obrigando o guarda-rêdes dos gaiatos a uma boa estrada. Aos cinco minutos do fim Carlos passa para O'scar este para Elvas que vira às rês batendo no poste e Gari faz recarga marcando o quarto tento para os gaiatos.

Assim terminou o desafio a ganharmos por 4-0.

Salientaram-se nos Gaiatos Pepe que muitas vezes salvou o Grupo. Nos beques que jogou melhor foi Amadeu. Nas alfes quem se destacou melhor foi Carlos e Prata. Na linha todos jogaram bem mas principalmente Gari e nos de Paços de Sousa Salientaram Jorge Antoninho.

P. S. — O Amadeu Elvas tinha feito uma crónica do jogo derradeiro, e deu-ma posse o jornal. Li e convenci-me que havia sido feita por um dos nossos professores, por isso rasguei-a. Soube depois que não. Tinha sido feita por ele sósinho, assim como esta agora é. Não me lembrei que a leitura de *A Bola* e do *Sporting* de que os nossos rapazes são tão amigos e o Elvas mais que nenhum; não me lembrei, digo, que essa leitura lhes daria tantas luzes e facilidade de expressão!

Do que nós necessitamos:

Mais, de visitantes, 2 máquinas de cortar cabelo e uma nota de 50\$00. Mais do Pessoal da Vacuum 50\$. Mais seis duzias de lenços da mão; que bom! Mais uma nota de 20\$ de uma admiradora, que repetidamente se admira com a mesma letra e quantia. O mesmo se diz de alguém que manda muitas vezes igual soma para os pobres, e agora também. Mais 40\$, por não ter azeite para a capela. Estou admirado por não ter tido azeite oferecido para a lampada! Mil escudos do Porto. Também ali fui convidado a fazer uma conferencia na Sede da Associação Católica, e foram todos muito católicos. O Senhor Abade de Santo Ildefonso, presidente da mesa, deu sinal. Eu andei de volta das cadeiras. Foi-se a vêr: Três contos e quê! São pedras e telhas. No dia seguinte, dei volta a umas casas a comprar coisas de que temos necessidade. O Amandio ia e mais eu. *Dão-nos tudo*, exclamava o rapaz, ao notar que em muitas casas, não pagavamos o que traziamos! Mais 500\$ e mais 40\$ e mais 20\$ no *Espelho da Moda*.

Estive em Coimbra a falar com o escultor João Machado sobre as imagens. O caso da de S. Francisco está arrumado. Quanto à de S. Vicente de Paulo, resolvi mandar fazer, na sua vez, uma de Nossa Senhora da Conceição, de *Murillo*. O artista já está a executar. Não se falou em preços. Sei que o homem é razoável. Quando a obra estiver pronta, espera-se que também esteja pronta a pessoa que a oferece. Mais 900\$ do Porto. Mais 20\$ idem. Mais 300\$ e mais 50\$ também de lá. Mais dez contos não se sabe de quem, ainda da mesma cidade. Pois quem é em Portugal que dá tudo para tudo?! Mais 20\$ e mais nada.

P. S.—E' só para dizer à Mãe de Lisboa que recebemos e agradecemos a camisola amarela.

CÉU PARDO

«Pelos ruas desta cidade de Vizeu, vagueia «uma beleza de criança de 5 anos de idade, muito «falante e duma espertesa extraordinária. Dorme «na esquadra, outras vezes nas ruínas da fábrica queimada e outras vezes no vão das portas».

Mais nuvens: «Na viela X, filho de uma mulher e a viver na companhia das outras, mora um pequeno de 6 anos» — et coetera, et coetera, et coetera. Tu que sabes e eu que sei, cala-te tu, que eu me calarei. O mais trágico de tudo isto, é que eu sou forçado a deixar nas ruas de Vizeu o pequenino *bem falante*.

Mais trágica ainda, é que estas duas cartas, são o teor de infinitas que todos os dias, aqui se recebem; tantas, que eu podia fazer delas *O Gaiato* da quinzena!

Crónica da Casa do Porto

Noticias da conferência

No domingo passado foi a Assembleia Geral da Sociedade de S. Vicente de Paulo. A nossa conferencia estava representada por quasi todos os nossos confrades. No decorrer dos trabalhos da reunião o Senhor Dr. Pinheiro Torres, Presidente do Conselho Superior disse algumas palavras de admiração pela nossa conferencia e também pela nossa Obra.

—A pobre de Camões disse-me que estava melhor e tinha a perna menos enchada. Mas o que precisa muito; é de um candeeiro. Ficamos à espera da resposta do generoso leitor.

Notas diversas

Quarta-feira passada o Senhor Padre Américo fez uma palestra sobre S. José na Associação Católica. No fim fez-se um peditório que rendeu 3.247\$55. Foram assistir alguns rapazes desta casa.

—Os vendedores que foram a Braga trouxeram mais um pequenito, é o António. Foi baptizado com o nome de Frigideira, e ontem seguiu para Paço de Sousa. Também fomos buscar à Avenida Fernão de Magalhães o João que tem a mãe a morrer de tuberculose. Quando chegou só comeu um bocado do nosso caldo e disse que não podia mais, porque estava enfartado.

O que nos ofereceram esta quinzena

De uma Senhora da Régua recebemos 20\$00 e na Husqvarna pelo concerto do nosso ferro não levaram nada. Até hoje não há mais a registar. Do pouco que recebemos estamos muito agradecidos.

Isto é a Casa do Gaiato

O Zé da Lenha, tem ocupado o lugar de creado dos doentes, cuja obrigação consiste em varrer a enfermaria e ir pelas dietas. Ora sucede que ultimamente os doentes teem-se queixado de fome à menina Maria da Luz. Menina Maria da Luz, diligente como é, trata de indagar as causas da fome e veio a descobrir que o Zé da Lenha maquiava os pratos e as tijelas, antes de distribuir! Deste conhecimento geral, colheu ela pormenores interessantes da forma como o lambreiro se arranjava. Ele é esperto e fazia-as muito bem feitas.

O caso subiu à Direcção, como não podia deixar de ser, e esta interveio. O Zé da Lenha já tem ido ao Porto vender o jornal e fazer recados, gosando, por isso mesmo, na aldeia, de uma certa consideração; e aqui já está o primeiro ponto do seu castigo. Mas não basta. A falta foi muitíssimo grave. Lamber as coisas dos doentes a ponto de eles se queixarem de fome! Os doentes que são, por natureza, priverligiados. Zé da Lenha veio ao tribunal.

Enquanto estavam todos ocupados e interessados nos trabalhos da audiência, réu no seu lugar, entra um próprio com a seguinte carta dos doentes: *Nós doentes pedimos ó senhor P.e Américo não com alegria, mas sentimos uma mágua no coração, que fará ao senhor P.e Américo que mais deve sentir. O que a gente pede é para o senhor P.e Américo não castigar o nosso enfermeiro que bem sentido está: Amandio, Molestia, Candido, Luiz.*

Estava o réu no seu lugar. Os ofendidos também se colocaram no seu lugar, e muitíssimo bem. Era necessário que a justiça tomasse o seu; e tomou. Zé da Lenha foi castigado publicamente pelo chefe-maior, o António Carpinteiro.

O Avózinha foi apanhado com a boca na botija; era uma caneca de alumínio com sopas de vinho e ele a lamber, atrás da porta da dispensa!

O caso tem sido muito comentado na aldeia. Ninguém esperava tal abuso do Avózinha!

MAIS um castigado! Hoje é dia de castigos. Peço desculpa aos leitores de tanta severidade. E' o Celso. Trata-se do Celso de Viseu. E' um dos mais difíceis, senão o mais difícil do lote, mas a gente não desanima. Não pode desanimar. E' uma alma que está em causa. E' sujeito da graça. Esperemos agora. Ele acabou de ceiar e foi à cozinha do forno, às escuras, por borã. Sabia que naquela tarde se cosêra pão. Sabia que é costume dos dispenseiros transportá-lo depois de ceia. Antes que eles o fizessem, foi êle buscar o seu extra quinhão.

Rio Tinto deu fé. Trouxe o ratoneiro por um braço, e fê-lo entrar no refeitório. Trazia uma tremenda côdea debaixo do casaco e foi naquela atitude embaraçada que a comunidade fez círculo e escarneo! O rapaz estava ali vendido à malta, e porque preço! Foi o seu primeiro castigo. Durou o suplício uns 10 minutos.

No dia seguinte, reúne o tribunal. Celso comparece e toma o banco. Oh palavras! Oh assembleia! Durante uma semana, fica privado de borã. Vem a primeira merenda. A senhora não tinha conhecimento da sentença.

— Toma, Celso.
— Não posso aceitar.
— Porquê?
— Estou castigado! O rapaz que ora recusa, é o mesmo que ontem tirou. Poderá comer e andar. Mas não. A justiça do castigo impediu. A justiça é a maior força moralisadora que há no mundo, e a contrária também é verdadeira.

MAS deixemos os castigos, hora triste e pesada da nossa vida de comunidade. Demos a palavra ao Porto, o Zé Eduardo, o rei dos travessos, que acaba de entrar neste momento

no meu gabinete de trabalho, sem pedir licença. Traz o jornal aberto e espuma entusiasmo. *Olhe o Pinga! Meteu um goal o Pinga!* E apontava: *Olhe-o aqui.*

OLHE, olhe, onze! Era o Constantino que veio aonde eu estava, com um cêsto à cabeça e dentro uma galinha choca com 11 patinhos acabados de nascer. Eu tenho que estes pequeninos casos hã-de fazer as delícias dos leitores, pois que também fazem as minhas. Uns, abrem apetite para os outros, e queremos sempre ler mais, mais, mais casos. Ensinam os Arabes que a primeira coisa a ser servida no paraíso deles, é um jantar de 300 pratos, o último dos quais abre apetite para o seguinte.

Tão certa e tão desejada é a imortalidade, que mesmo aqueles povos aonde não chegou ainda a Revelação, revelam coisas a seu modo. Ora isto vem para dizer que o nosso quinquenal é o tal jantar de 300 pratos; número que passa, abre apetite para o número que vem.

CARLOS e Avózinha, trouxeram me uma grande disputa: Deram com uma das nossas gatas na dispensa, que acabara de ter dois gatinhos, e até aqui está tudo muito bem. O pior, é que ambos escolheram para si o mesmo bichano, daí-o este é meu. Mas não; é mas é meu.

O Zé Maria de Cinfães. A vibora que eu de uma vez apanhei do chão, enregelada...! A sua história é sobejamente conhecida, por ser aqui muito falada. Mas agora, entra a história de um homem daqui perto, um apostolo do mal, que ganhou a partida, pela natural inclinação do rapaz para o furto, a qual o sujeito compreendeu e explorou com mestria. *Furta o que puderes e traz praqui.* E assim foi! O seduzido estava connosco há um ano, às ordens do Juiz de uma Comarca a quem agora reporteio o caso e solicitei auxílio. Vamos a ver. Sobe a contos de rei o que o ladrão de fora das portas comeu, mas o verdadeiro mal não está aqui. Comeu, acabou. O pior, é um ladrão a mais que fica no mundo, quando bem podera ser a menos. Isto é que me faz doer!

NO dia de jornada, perdemos o controle dos nossos rapazes, absolutamente. Sabiamos-os no meio da multidão, e mais nada. Pois muito bem. A horas de ceia, estavam todos no seu lugar sem uma beliscadura.

Tinha havido instruções no dia antecedente, de como se haviam de portar, e de maneira nenhuma estacionar ao pé dos merendeiros. Só um é que desobedeceu; foi o Rato Cosido. O Rio Tinto topou-o na ronda que fez pela mata: *foi os senhores que me arrastaram.*

HOUVE aqui esta tarde um barulho desmarcado. Tudo abalou as suas acupações: *olha o Araujo!* O Araujo viera visitar de fuga o nosso campo. *E' internacional. E' o melhor.* As apreciações ferviam. Quem dera que o Araujo cá não torne aos dias de fazer.

O Santa deu-me um chute e atirou uma calhoada, olhe aqui. Era o Chancaxé, a fazer queixa. Chamei o Santa à pedra. *E' êle que me chama nomes.*

O Bucha é o da obrigação do lanço de escadas do caracol. São 14 degraus à sua conta, que dão do 1.º andar para a cave, na Casa-Mãe. Começa logo de manhãzinha com o balde, a escova e o esfregão. A' tardinha, ainda está ocupado, para no dia seguinte recomeçar! As bulhas naquele sector são frequentes e muito renhidas; o Bucha opõe-se terminantemente a que os miúdos por ali passem: *ó coiso, olha que por aqui não é caminho!*

Ora o Bucha não tem razão. Ele cuida que as escadas foram feitas para esfregar e não é assim; elas são mas é pra passar.

O Bucha era cantador dos caminhos. Cantava nas vendas por figos e por tremoços. Deixou lá fora, quando veio, as cantigas feias e agora canta as bonitas. Canta enquanto esfrega.

ANDAMOS ocupados com a sementeira do linho. Mais semente e mais terreno do que o ano passado. Vamos ressuscitar tradições. O nosso povo perdeu o fio da verdadeira economia. As mulheres, o gosto da vida de casa. Ainda não deram fé de que as coisas mercadas nas lojas, não prestam para nada. Como gosto do linho caseiro! O Elvas, quando regressa da venda do jornal, conta de como são mirados e remirados: *olha eles com blusas de linho!* Não há nada que o desbanque. *Dantes andavamos ao léu, agora vestimos linho,* disse o Inácio ao Ministro das Obras Públicas, quando Ele veio à nossa casa.

E assim acontece: aventais, panos de cozinha, toalhas, - linhos e seus derivados. Era o pano dos Faraós. Se as pirâmides falassem, muito haviam de contar dos reais amortalhados!

Pois agora, é pano dos habitantes da aldeia!

TANTAS e tais roubaheiras tem observado o Periquito cá por casa, que resolveu transportar o seu mealheiro para casa do mestre da oficina onde trabalha! Assim o disse ontem o dito, quando me veio cortar o cabelo. O Periquito tem razão. Podesse eu fazer o mesmo.

Assinaturas pagas

Dr. Roberto Canelas, 50\$; Moisés de Miranda Pascoal, 100\$. Todos de Cantanhede.

Dr. Francisco Cotrim da Silva Garcês, Ferreira do Zêzere, 50\$; Maria Helena Pedroso de Almeida, Paranhos da Beira, 20\$; Francisco Veiga, Arganil, 100\$; Maria da Piedade Andrade Ferreira Monteiro, Portimão, 50\$; Alexandrina Pereira dos Santos, Barcelos, 40\$; Lucinda dos Santos Marquês, 20\$; Maria Alice Faria R. Almeida, 20\$; Abel de Oliveira, 20\$. Todos de Vale de Azares.

Prof. Alberto Carlos Neves de Oliveira, Setúbal, 20\$; António Barreiros Ferreira, Darque, 30\$; David Bento Ferreira Araújo, Mesão Frio, 40\$; José da Silva Cunha Araújo, Mesão Frio, 25\$; P.e Alvaro A. de Oliveira, Sendim, 25\$; Esmeralda Santos, Maiorca, 20\$; Carlos Alberto Prego, E'vora, 30\$; Dr. António Pedro de Oliveira Bagulho, Elvas, 30\$; Maria da Conceição Tierno Duque Garcia Pereira, Elvas, 50\$; António Lopes da Silva Ferreira, 20\$; Antonieta Lage, 50\$; Manuel Pinhal, 100\$; Teodoro de Sousa Henriques, 100\$; Eurico de Sousa Santos, 50\$; Carlos Rocha, 50\$; José Moreira 50\$; Camilo Quadros, 50\$; Tomás Gonçalves Ramos, 20\$; Dr. Alfredo Ferreira, 50\$; Dr. José Nobre, 50\$; Francisco Fato, 50\$; Agostinho Fernandes Fato, 20\$; José do Egito, 20\$; José Távares, 25\$. Todos de Matosinhos.

Deolinda Viana, Vilar Formoso, 30\$; Adelina Cananeira, 30\$; Maria José Trindade Reinas, 20\$; Maria Antunes Bastos Martins, 20\$; Rosa Pinto Vaz, 25\$; Maria

Um novo assinante manda o seu vale para Cête, de uma quantia muito apreciável, e diz assim, o que é muitíssimo mais apreciável:

Há muito que aprecio a sua obra, e, por razões confessionais, tenho adiado esta satisfação de poder entrar para o grupo dos seus contribuintes.

Hoje tenho a reconhecer e a dar a mão à palmatória, dado que a obra em causa é humanitária e social, em auxílio dos infelizes e deserdados da fortuna.

A dignidade humana é flor que só se cultiva com um mínimo de bem estar, e de pão para o estomago;

V. tem cultivado «um jardim» e daqui lhe peço que o não deixe «murchar», que não se aborreça com deslealdades, nem com invejas.

Senhor Doutor, gosto muito de lhe chamar assim porque sinto que o é verdadeiramente. Acaba a sua carta com um humilde admirador e servente. Pois bem. Permita que também eu me exalte a seus pés e lhe diga o mesmo.

A revolução das almas, meu senhor, não se faz com palavras; é pelo Amor à moda das Catacumbas. Foi de lá que os cristãos desbançaram os romanos, tão pacificamente que legiões deles se fizeram cristãos! Não sei o que e que o Senhor Doutor era dantes, ou como é que pensava. O certo é que o desbanquei, pacificamente, e tenho agora um fervoroso amigo da causa: peço-lhe que não deixe murchar o jardim. Não deixo. Mas também lhe peço uma coisa: arranje mais assinantes aí em Tomar. Desses que experimentam dificuldades confessionais. São os melhores.

Dos outros assinantes, não tenho grande queixa. Os retardados, reparam muito bem a sua falta com uma palavrinha de desculpa, mai-lo respectivo dinheirinho, que vem a ser a prova eficaz do seu arrependimento.

Estas obras não vão com palavras nem intenções; nem com o costumado eu hei-de mandar.

Teresa Ramos Espinha Rodrigues, 25\$. Todos de Vilar Formoso.

Delfina Antunes Vasco, Nave de Haver, 20\$; Maria do Espírito Santo Pires Pinto, Freinada, 20\$; Dr. António da Silva Teixeira, Freixianda, 50\$; P.e António Rodrigues Alexandre, Soure, 50\$; P.e Sebastião Martins Alves, Nisa, 50\$; Maria Guerra, Mogadouro, 50\$; Dr. Armando Ruano, Mogadouro, 50\$; António Joaquim Mo-

reira, Mogadouro, 50\$; Maria Margarida Schiappa, Santarém, 50\$; Maria Helena Caldas Neves, Santarém, 25\$; Dr. João Canavarro, Santarém, 120\$; Menino José Restivo Braz, Arouca, 20\$; Ana Camossa Nunes Saldanha, Lamas da Feira, 50\$; Manuel Aguiar, Gondomar, 20\$; António Lopes, Chaves, 25\$; Alice Helder Ribeiro da Silva, Silves, 25\$; Amélia Maria da Piedade Fava, Silves, 40\$; Fernanda Gil de Sousa, Sil-

ves, 40\$00; Júlio Mendes, Vila R. de S.to António, 50\$; Joaquim Lino Neto, Gavião, 100\$; Herculano Marques, Sangalhos, 25\$; Maria Margarida Brahamo Lobo Veiga, Lagos, 20\$; Piedade Azevedo Côrte-Real, Lagos, 25\$; Director da Colónia Correccional, Vila Fernando, 30\$; Maria Madalena Martins Passarinho, S. Domingos, 40\$; Armindo Osório de Almeida (2 anos), Moledo, 50\$; Maria José Carvalho Almeida, Moledo, 25\$; Aida Gomes da Conceição, 50\$; Inácio Chaveiro, 25\$; Berta Bandeira de Melo, 25\$; Maria Magalhães Colaço, 25\$; Ilda Gomes Vieira, 25\$; Rolando de Figueiredo, 25\$. Todos de Odivelas.

Maria Emilia de Brito, Granja, 50\$; Maria Augusta Teixeira, Fão, 20\$; José Gomes da Costa (4 anos) Coimbrões, 200\$; Adelino de Jesus Rodrigues, Sátão, 5\$; P.e José Maria Dias, Vendas Novas, 50\$; Fernanda Alexandre Bebiano Brreto, Trancoso, 30\$; Instituto do Bom Pastor, Serpa, 20\$; Cláudio de Sousa Rebordão, Tortozendo, 50\$; Emídio Gomes da Silva, Leça de Palmeira, 50\$; Manuel Pereira da Silva, Fânzeres, 20\$; Bernardino Ferreira de Sousa, Fânzeres, 20\$; Superiora das Irmãs de S. Vicente Paula, Felgueiras, 50\$; Alceu Ribeiro Rufino, Alijó, 30\$; P.e Alvaro José Távares, Febres, 25\$; Maria Joana Soares de Cabedo, Agueda, 50\$; P.e Amílcar Amaral, Agueda, 40\$; Maria Luciana Aguiar (2 anos), Agueda, 50\$; Verdiana Malta Reis, Montemor-o-Novo, 25\$; Jaqueline Dinis, Montemor-o-Novo, 20\$.